

A destinação dos dejetos provenientes da suinocultura – e demais atividades agrícolas e pecuárias – representou, por muito tempo, um desafio ambiental. Do problema, no entanto, surgiu a solução. Os gases altamente poluentes que são gerados durante a decomposição da matéria orgânica presente nesses efluentes, denominados biogás, têm potencial de geração de energia elétrica e térmica. No caso da suinocultura, o processo ocorre dentro da granja e traz benefício duplo: redução da emissão de gases nocivos à camada de ozônio e dos gastos com energia elétrica.

Em Pará de Minas, o produtor José Maria Assunção mostra que essa realidade é viável e promissora. A granja de suínos da Estância Santa Terezinha/Fazenda da Barra é equipada com o sistema completo de produção do biogás (veja infográfico) desde junho do ano passado. A decisão pelo investimento foi tomada após a sua participação em um projeto de consultoria do Sebrae Minas, feito em parceria com a Universidade Federal de Viçosa (UFV). O projeto visa ao desenvolvimento de estudos de viabilidade técnica e econômica para implantação de sistema de geração de energia com o uso de biogás em granjas de suínos (saiba mais no box da página 31).

A mudança foi considerável, pois apesar de o biodigestor já estar instalado há cerca de cinco anos para minimizar os impactos do lançamento dos efluentes no meio ambiente (conforme determina a legislação ambiental), todo o gás era



Dejetos dos porcos são aproveitados para gerar energia e combater a poluição

encaminhado para o flare – sistema de queima controlada que transforma o metano em gás carbônico (menos agressivo para a camada de ozônio). “Agora, conseguimos aproveitar tudo. Além de a granja ser autossuficiente em relação à energia elétrica, a água que sobra do processo é usada para a fertirrigação de milho e de capim, e a parte sólida se transforma em adubo. É a solução ideal”, afirma José Maria. Ele reduziu os custos financeiros, com minimização dos impactos ambientais e fertilização do solo, aumentando sua produção agrícola. Ele mantém a granja desde 1981 e hoje conta com 900 matrizes.

CRÉDITO CARBONO | A implantação dos biodigestores no Brasil ocorreu no início dos anos 2000, no auge do Protocolo de Kyoto. Na ocasião, grandes investimentos para a construção das estruturas foram subsidiados por uma empresa canadense, em troca da venda de créditos de carbono gerados pela produção do biogás nas granjas. Com a mudança dos rumos das negociações internacionais, ante à grande crise econômica mundial de 2008, os projetos não seguiram adiante.

Foi o que aconteceu na Fazenda São Paulo – Unidade Oliveira, propriedade que se destaca pelo grande porte de suas atividades produtivas: 5 mil matrizes suínas e 4 milhões de pés de café. Segundo o diretor geral de Suinocultura e Manutenção, Jair Cepêra, o primeiro biodigestor foi construído para teste e, após o contato com a empresa do Canadá, outras unidades biodigestoras foram instaladas na fazenda.

Atualmente, o sistema conta com três biodi-

“Temos três biodigestores e apenas uma microturbina piloto para geração de energia, mas, com o aumento do custo da energia, vejo que vale a pena investir na ampliação do sistema”,
Jair Cepêra, diretor geral de suinocultura e manutenção da Fazenda São Paulo, em Oliveira